



## A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO

Fernanda Viana de Castro<sup>1</sup>  
Elisângela Campos Damasceno Sarmiento<sup>2</sup>  
Josélia Paes Ribeiro de Souza<sup>3</sup>

### RESUMO

Ao longo da vida estudantil o processo de desenvolvimento da escrita não acontece em um único momento, mas de forma gradativa. Observa-se que ao longo do referido processo o aluno constrói e reconstrói hipóteses, passando por várias etapas importantes a fim de aprender a escrever conforme a norma padrão da língua. Diante disso, este artigo apresenta como objetivo analisar as marcas da oralidade transcritas nos textos dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, bem como proceder com intervenções, por meio das oficinas de produção textual, a fim de amenizá-las.

Para isso, foram desenvolvidas oficinas de produção textual explorando o processo da reescrita coletiva. Dos dezesseis participantes, três deles foram escolhidos para compor as análises desta pesquisa, visto que seus textos se destacaram por apresentar muitas marcas da oralidade na escrita. A base teórica é composta por estudos que tratam da relação entre oralidade e escrita, como Marcushi (2007), Bortoni-Ricardo (2005), além de Rojo (2004), Koch (2010) e Soares (2006) que refletem sobre o processo de escrita. Desse modo, esta pesquisa proporcionou a ampliação dos estudos sobre o ensino da língua, especificamente sobre a relação entre oralidade e escrita, apontando a reescrita textual coletiva como uma eficiente ferramenta didática no processo de desenvolvimento da escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Médio do IFPI campus Paulistana.

**Palavras-chave:** Marcas da oralidade, Escrita, Reescrita textual, 1º ano do Ensino Médio.

---

1Doutoranda em Ciências da Linguagem pela UNICAP – Recife-PE; Professora do IFPI – Campus Paulistana, e-mail: [prof.nanda@ifpi.edu.br](mailto:prof.nanda@ifpi.edu.br);

2Mestra em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares – UPE – Campus Petrolina; Professora do IFPI – Campus Paulistana, e-mail: [elisceno@ifpi.edu.br](mailto:elisceno@ifpi.edu.br);

3Mestra em Solos e Nutrição de Plantas; Professora do IFPI – Campus Corrente, e-mail: [joselia.paes@ifpi.edu.br](mailto:joselia.paes@ifpi.edu.br).



## INTRODUÇÃO

A discussão a respeito da oralidade e da escrita é um tema bastante conhecido no meio acadêmico e educacional que divide opiniões. Para uns, oralidade e escrita são coisas completamente diferentes, para outros, oralidade e escrita caminham juntas no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Em meio a tantas divergências de opiniões, é necessário discutir cada vez mais esse assunto para que os professores de Língua Portuguesa compreendam a importância peculiar de cada uma e percebam que ambas se complementam.

Desse modo, este projeto ancora-se no que pressupõem os documentos oficiais referentes às práticas educativas que devem ser organizadas de forma que garantam a aprendizagem da leitura e da escrita, principalmente se integrar as modalidades oral e escrita no ensino da Língua. Nesse sentido, os estudantes vivenciam experiências nos diferentes campos do saber e a relação entre oralidade e escrita é vital nesse processo. Assim, a relação entre oralidade e escrita é indissociável, o que normalmente não se percebe em muitos materiais didáticos em que as atividades de leitura e produção textual na maioria das vezes são mecânicas.

Partindo da discussão ora fomentada, buscam-se novas formas de atuação a partir das questões relacionadas à leitura e produção textual, aproximando-as da realidade, além de estabelecer uma relação com os erros apresentados pelos estudos de Cagliari (2006). Depreende-se, pois, que as marcas da oralidade não estão limitadas a um nível de ensino, nem somente à uma transcrição fonética, mas, sobretudo, é possível estabelecer uma relação com a realidade em que os alunos estão inseridos, bem como com as experiências e saberes que eles trazem do meio social em que vivem.

Assim, este artigo foi elaborado a partir dos resultados de um projeto de pesquisa, financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação do IFPI – Campus Paulistana, mediante edital de seleção de PIBIC Jr, desenvolvido durante o ano letivo de 2018. Esta pesquisa surgiu da necessidade de se investigar, na referida instituição, a seguinte problemática: quais são as marcas da oralidade presentes na escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Médio e o que pode ser feito para atenuá-las?

Portanto, visando à autenticidade, nível de percepção crítica a respeito de estudos sobre as modalidades oral e escrita, buscou-se analisar as marcas da oralidade



registradas pelos alunos do 1ºano no processo de escrita. Além disso, ocorreram intervenções, por meio de oficinas de produção textual, a fim de amenizar as referidas marcas identificadas nos textos dos alunos.

Dado o exposto, acreditamos que esta pesquisa é uma ferramenta que contribui para aguçar a reflexão dos professores de Língua Portuguesa sobre o processo de escrita dos alunos do 1ºano do Ensino Médio, principalmente quanto às questões relativas às marcas da oralidade na escrita, situação que envolve o estudo dos erros/desvios que muitos alunos efetuam no processo de escrita.

## METODOLOGIA

Em relação aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é de cunho qualitativo, porém, utiliza-se também de elementos quantitativos, como tabelas que registraram as marcas da oralidade nas produções textuais dos alunos, de modo que foi possível acompanhar o desempenho dos alunos que fazem parte do *corpus das análises*. Concordamos com Martins (2004, p.289) ao definir a pesquisa qualitativa como “aquela que privilegia a análise de micro processos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”. Nossa ferramenta para explorar a pesquisa qualitativa é foi pesquisa-ação, pois identificamos o problema dentro de um contexto social, levantamos os dados e em seguida realizamos as análises, por fim partimos para a intervenção.

O público escolhido foi uma turma do 1ºano do Ensino Médio Integrado ao curso Técnico em Agropecuária do IFPI Campus Paulistana, compreendidos numa faixa etária entre 15 e 16 anos, entretanto, dos 42 alunos, 16 (dezesesseis) se propuseram a participar desta investigação.

Em suma, a metodologia pautou-se na realização de oficinas de produção textual, em que atividades de leitura e interpretação textual foram desenvolvidas, bem como debates em sala de aula, além da reconstrução individual e coletiva dos textos, a fim de que os alunos conseguissem diferenciar oralidade e escrita, e por fim percebessem os avanços obtidos ao longo das oficinas, de modo que as transcrições fonéticas foram minimizadas. Pautamo-nos nos estudos de Menegolo e Menegolo (2005) e Ruiz (2010) para a realização da reescrita, Cagliariari (2006) quando trata das



marcas da oralidade na escrita classificadas nas seguintes categorias: transcrição fonética, uso indevido de letras, hipercorreção, modificação da estrutura segmental das palavras, juntura e segmentação, forma morfológica diferente, forma estranha de traçar as letras, uso indevido de letras maiúsculas ou minúsculas, acentos gráficos, sinais de pontuação e problemas sintáticos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Consideradas como modalidades essenciais para a comunicação humana, oralidade e escrita possibilitam o indivíduo exprimir e registrar sentimentos, emoções, pensamentos e opiniões. Entretanto, são instâncias da linguagem que se diferenciam e que apresentam características peculiares. Assim, questionamos: Como a aprendizagem da leitura e da escrita pode ser vivenciada senão atrelada às modalidades oral e escrita? Impossível dissociar tais modalidades de um processo básico que todo indivíduo vivencia ao chegar à escola. De acordo com os PCNs (2001, p.15) “O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”.

Muitos estudiosos da língua, partindo da ideia de um processo complexo de interação que envolve o texto, tentam estabelecer uma relação entre língua escrita e língua oral. Entretanto, *a priori*, é importante esclarecer a diferença entre fala e oralidade, pois apesar de uma está inserida na outra, existem aspectos peculiares que as caracterizam. Segundo Marcuschi (2007), há uma diferenciação entre a fala e a oralidade, embora uma esteja inserida na outra. A fala é a manifestação textual-discursiva que abrange formas e estruturas, sem haver necessidade de aparatos tecnológicos, assim como ocorre na escrita, uma vez que é efetivada pelo ser humano num âmbito sonoro, o som. Por sua vez, a oralidade é a prática social para fins comunicativos.

Desse modo, para Marcuschi (2007), a fala encontra-se no plano da oralidade, apresentada em diversos gêneros discursivos, promovendo um ato de interação. Além de ser sistematizada pelo som, a oralidade envolve um conjunto de recursos prosódicos que são: entonação da voz, gestos, movimentação corporal, que, quando utilizados, dão significado e sentido ao que está sendo dito. Por sua vez, a escrita, segundo Marcuschi



(2007), possui o mesmo objetivo da fala, isto é, estabelecer a interação entre os indivíduos; porém, a diferença está na característica que a constitui, ser realizada por meio da grafia e fazer uso de algumas especificidades materiais.

Ao discutir sobre os objetivos da fala e da escrita, nos reportamos ao letramento. Como não mencioná-lo diante de conceitos que perpassam pela mesma essência? Discutir o conceito de letramento é tão importante quanto discutir a relação entre oralidade e escrita, pois de que adianta um indivíduo apenas ler e escrever e não compreender a mensagem veiculada?

A palavra letramento tem origem inglesa *literacy*, que significa letrado e no latim *littera* que significa (letra), em português acrescentou-se o sufixo (mento), que diz respeito a ação. Dentre os muitos estudiosos desse fenômeno, citamos Soares com a seguinte definição: “É o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter - se apropriado da escrita” (SOARES, 2006, p.18). Compreendidos como um conjunto de práticas sociais que complementam as atividades interativas e culturais, oralidade e letramento são determinados pelos usos que os falantes fazem da língua, visto que as variações linguísticas se manifestam de acordo com a capacidade que o indivíduo emprega a linguagem em diversas situações.

O letramento pode ser compreendido também como o processo de apropriação das práticas sociais de leitura e escrita, e isso vai além da aprendizagem do alfabeto. O processo de alfabetização restringe a leitura e a escrita à decodificação, enquanto o letramento possibilita o leitor fazer uso tanto da leitura como da escrita interagindo com o meio social em que está inserido. Corroborando com esse pensamento, Rojo afirma que:

Ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes do contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras (ROJO, 2004, p. 1).

O letramento relaciona-se ao uso das línguas oral e escrita em contextos sociais diversos. E, para esclarecer a relação entre letramento e oralidade, Kleiman elucida que:



O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se com o letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Desse modo, nota-se que o indivíduo mesmo não sabendo escrever e independente do meio em que vive, estando ele num contexto mais amplo faz uso da língua, pois há uma necessidade de se comunicar. Nesse tipo de situação, a fala é o meio de interação mais propício que permite o indivíduo interagir com outras pessoas. Por mais que ele desconheça o alfabeto, para muitos linguistas, esse sujeito é considerado um analfabeto, mas não iletrado, pois de algum modo ele consegue estabelecer uma comunicação com outras pessoas.

Assim sendo, mesmo que essas modalidades da língua possuam diferenças, há uma relação intrínseca entre elas, o que impossibilita uma excluir a outra. E isso é compreensível de modo que para os linguistas, ambas são denominadas de textos ou discursos, além de se adequarem ao modo em que são utilizadas. A esse respeito Marcuschi (2007) explica que elas são fundadas em um *continuum*, pois a fala e a escrita podem possuir o mesmo objetivo quando se pretende transmitir algo. Porém, cada uma possui suas especificidades, tanto na forma em que são organizadas, quanto nas características que as regem, dependendo do contexto no qual se materializam.

Ao compreendermos que a oralidade e a escrita são meios de interação social, reconhecemos que o sistema organizacional de ambas é determinado pelos elementos que compõem um evento comunicativo. Dessa maneira, é preciso levar em consideração os interlocutores, aqueles que falam e/ou escrevem, para alguém, em um espaço de tempo, e cumprindo a determinada função social. Como então analisar esses elementos contextualizadores? É necessário estudar a língua na sua forma material, isto é, no espaço onde ela se concretiza. E esse espaço, na ótica de Bakhtin (1992), é o texto, que, por sua vez, é a materialidade de um gênero. Consequentemente, o texto é concebido como “todo evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que



distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 13).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de reescrita, os alunos apresentaram um avanço quanto à redução das marcas da oralidade nas produções textuais. Pois, ao reescrever, sob monitoramento, os discentes fizeram acréscimos, substituições e reduções de palavras, sem alterar a essência da narrativa. A forma de abordagem com que os textos foram produzidos, de modo interativo, contribuíram para o interesse pela reescrita do texto e os resultados, tanto ao longo desenvolvimento dessa pesquisa, quanto no final, revelaram avanços significativos no que diz respeito à diminuição das marcas da oralidade na escrita.

O percurso metodológico das oficinas caracterizou-se pela realização de 04 (quatro) encontros que totalizaram 08 (oito) aulas com duração de 50 minutos para cada aula. A seguir, detalharemos cada evento que constituiu-se uma experiência didática singular:

- 1ª Oficina: Apresentação da nossa proposta de trabalho e primeira coleta de dados.

Inicialmente apresentamos a proposta da nossa pesquisa informando sobre como seriam as Oficinas de Produção textual e incentivando a participação de todos ao longo dos encontros propostos. Em seguida, abordamos o tema referente ao uso de drogas na adolescência, expondo um vídeo com dois depoimentos de adolescentes que haviam terminado um tratamento para se recuperarem do referido vício. Após o vídeo abrimos a discussão a fim de sondar o que eles sabiam sobre o uso de drogas na adolescência, bem como conhecer o parecer deles a esse respeito. Utilizamos ainda slides explicativos sobre o que são drogas, quais são os tipos e os malefícios que elas causam. Observamos que todos se interessaram pela abordagem do tema ouvindo atentamente às explicações e também participando ao contar histórias de jovens que foram usuários de drogas.

Decorrida esta primeira etapa, os alunos foram convidados a darem continuidade a uma narrativa referente à história de um de adolescente de 16 anos que se envolveu com as drogas e também compartilha com sua prima Mariana. Veja a seguir o esboço da atividade:



Caro(a) Aluno (a),

*esta produção textual visa coletar dados para nosso Projeto de Pesquisa e sua colaboração é muito importante para a realização deste trabalho. Contamos com a sua participação e agradecemos o empenho!*

Após a leitura do trecho inicial abaixo, escreva um texto narrativo desenvolvendo e concluindo a história sobre o uso de drogas na adolescência.

Meu nome é Lucas, tenho 16 anos, tive meu primeiro contato com as drogas na calourada da minha nova escola. Carlos e Edu, meus colegas veteranos, disseram que eu era um cara muito parado e me apresentaram a LSD (dietilamida do ácido lisérgico). Aceitei, pois tinha vontade de experimentar novas sensações, mal sabia eu que aquele era um caminho sem volta. Ao longo do tempo tornei-me viciado e passei a usar outras drogas bem mais fortes. Na mesma ocasião em que fui apresentado às drogas, fiz o mesmo com minha prima Mariana, uma garota muito estudiosa e amável com a família e amigos (...)

Após a escrita do texto, finalizamos a Oficina de Produção Textual esclarecendo algumas dúvidas e informando sobre o nosso retorno para continuação do trabalho.

- 2ª Oficina – Realização da 1ª reescrita textual.

Das 16 (dezesesseis) produções textuais realizadas no dia 16/04, três apresentaram mais desvios da norma culta e foram escolhidas para serem reescritas ao longo das oficinas. Optamos por não citar os nomes dos alunos a fim de preservar a identidade dos mesmos, atribuímos siglas para cada participante de modo que todos foram identificados. O texto do aluno *GL* foi o primeiro a ser escolhido para iniciar nosso processo de intervenção. No formato original, a produção textual foi exposta em sala de aula para facilitar a visualização de todos.

Figura 01: Realização da 1ª reescrita textual em 07/05/18.



Fonte: Fernanda Viana (2018)

Após a leitura do texto, pedimos aos alunos para identificarem os desvios da norma padrão, denominados de marcas da oralidade. É importante ressaltar que de

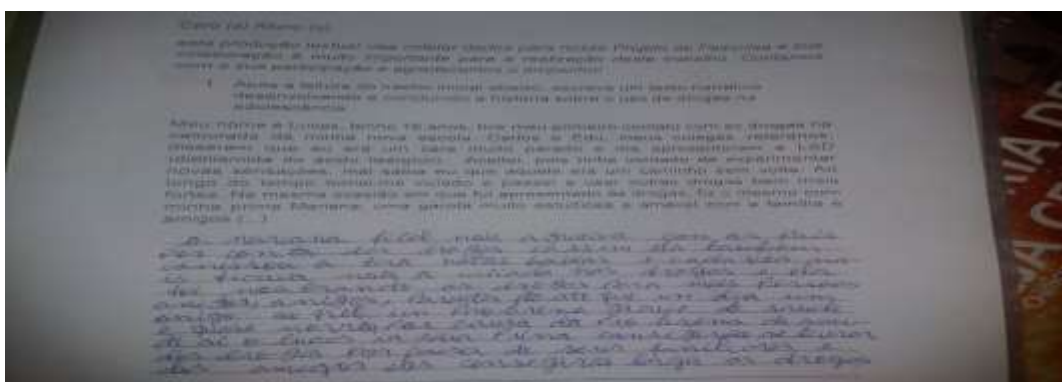




acordo com Cagliari (2006), erros ortográficos são marcas que fazem parte do processo de aquisição da linguagem e nos revelam atitudes individuais de reflexões e conhecimentos formulados sobre a escrita. O autor esclarece que as manifestações ortográficas não devem ser avaliadas como erros, mas como tentativas de acerto.

Ao analisarem o texto exposto no quadro os alunos notaram que algumas palavras apresentavam marcas da oralidade, assim a reescrita ocorreu de modo que eles sugeriam novas palavras para substituírem aquelas que apresentavam as referidas marcas da oralidade na escrita.

Figura 02: Texto do aluno GL exibido no quadro para ser reescrito.



Fonte: Fernanda (2018)

Com o texto no quadro, solicitamos aos alunos que observassem atentamente a maneira como aquela história foi escrita, pois o próximo passo seria a reescrita. Realizamos uma leitura coletiva e logo iniciamos nosso diálogo, não apontando erros, mas instigando os alunos a pensarem quanto à escrita de determinadas palavras, que foram grafadas diferentemente da norma padrão caracterizadas pelas marcas da oralidade.

Com perguntas do tipo: “A palavra *Y* pode ser escrita de outro modo? Qual? Podemos reescrever a palavra *Y* da mesma maneira que está no texto? Qual a sugestão de vocês?” Ao perceberem, eles apontavam os problemas de escrita, ao passo que também sugeriam novas maneiras de escrita daquelas palavras. Dessa maneira, a reescrita foi desenvolvida no quadro para que todos acompanhassem e em folha individual reescrevessem seus textos. Essa atividade foi efetuada por partes, frase por frase, para que aos poucos eles notassem que determinadas palavras, não estavam de acordo com a norma padrão. Dentre as marcas da oralidade identificadas, destacamos algumas, tais como: “*ficol; agresiva; parentis; probrema*”.



É importante ressaltar que de acordo com Cagliari (2006), erros ortográficos são marcas que fazem parte do processo de aquisição da linguagem e nos revelam atitudes individuais de reflexões e conhecimentos formulados sobre a escrita. O autor descreve manifestações ortográficas que não devem ser avaliadas como erros, mas como tentativas de acerto.

É preciso ressaltar que, outros desvios também foram identificados, tais como, separação silábica, uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas e ausência dos sinais de pontuação, conforme a teoria de Cagliari (2006).

Após a reescrita do texto, e diante de duas realidades, texto original do aluno *GL* e texto reescrito com a participação de todos, procedemos com a releitura dos dois textos a fim de que, comparativamente, as diferenças entre eles fossem nitidamente reconhecidas.

- **3ª Oficina (04/06/18)** – Realização da segunda intervenção

Com o texto no quadro, solicitamos aos alunos que observassem atentamente a maneira como aquela história foi escrita, pois assim como realizamos uma reescrita na oficina anterior, assim seria nesta oficina também. Realizamos uma leitura coletiva e logo iniciamos nosso diálogo, não apontando erros, mas instigando os alunos a pensarem quanto à escrita de determinadas palavras, que foram grafadas diferentemente da norma padrão. Seguimos os mesmos moldes da primeira oficina, reescrevendo o texto por partes a fim de preservar o sentido a história e identificar as marcas da oralidade na escrita.

É preciso ressaltar que, outros desvios também foram identificados, tais como, separação silábica, uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas e ausência dos sinais de pontuação. Após a reescrita do texto, e diante de duas realidades, texto original do aluno *JR* e texto reescrito com a participação de todos, procedemos com a releitura dos dois textos a fim de que, comparativamente, as diferenças entre eles fossem nitidamente reconhecidas. Partindo de questionamentos, que despertassem a curiosidade dos alunos, buscamos uma identificação de marcas da oralidade no texto, de modo que eles associassem a leitura da palavra “A” ao que já sabiam, ou pelos menos tivessem uma noção e em seguida comparassem ao que estava escrito no quadro, para então perceber a diferença entre a pronúncia e a escrita. A utilização do raciocínio lógico nesse processo foi importante, pois o aluno após associar oralidade e palavra escrita no quadro, perceberia a ocorrência de uma transposição da fala para a escrita, e que,

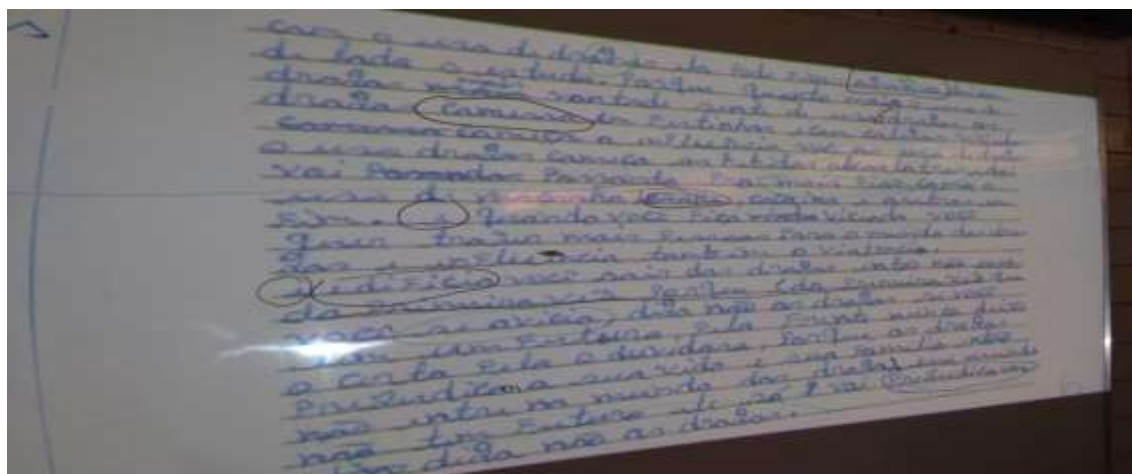


consequentemente a palavra “A” se diferenciava da norma padrão. Destarte, os alunos foram desafiados o tempo inteiro a raciocinarem, o que motivou no desenvolvimento da atividade, não como uma cópia, mas um texto original, refeito com a participação de todos e em um só momento.

- **4ª Oficina (16/07/18)** – Terceira Intervenção

Esta etapa da pesquisa seguiu o mesmo entendimento das oficinas anteriores. Desta vez, o texto do aluno *PH* foi o escolhido para ser reescrito, por também apresentar marcas da oralidade em vários trechos.

Figura 03: Texto do aluno PH exibido no quadro para ser reescrito



Fonte: Fernanda Viana (2018)

Pela terceira vez expomos um novo texto no quadro e mais uma vez a curiosidade em saber quem era o autor não foi diferente. Todavia, preservamos a identidade do aluno, ocultando o nome, deixando apenas o texto em evidencia. Esclarecemos que nosso objetivo não era ridicularizar a escrita de ninguém, pelo contrário, nosso intuito era contribuir para o desenvolvimento da leitura e escrita de cada um deles.

Iniciamos com a leitura do texto, solicitando que as meninas começassem e que os meninos terminassem, de modo que todos pudessem participar. Assim como nas oficinas anteriores questionamos o porquê da palavra “X” ter sido escrita daquela forma, e de que outra maneira ela poderia ser reescrita sem marcas da oralidade, mas conforme a norma culta da língua. Dentre as muitas marcas identificadas, chamou-nos a atenção algumas, tais como: “*avicia; difício; comessa*”

Desse modo, o texto foi reescrito, à medida que os alunos iam respondendo aos nossos questionamentos, apontando outra forma de escrita, livre de marcas da oralidade.



É importante ressaltar que, em momento algum falamos em “erro”, pelo fato de muitas palavras apresentarem desvios da norma padrão, não estando de acordo com a gramática. Poderíamos afirmar que o aluno *PH* cometeu vários “erros”, entretanto, essa não foi a nossa estratégia. Optamos por instigar os alunos, interrogando se para determinada expressão existia outra maneira de ser escrita, e o que eles percebiam de diferente ao pronunciar determinada palavra comparando-se a mesma palavra escrita no quadro, isto é, por que aquela palavra foi redigida daquele modo? O que houve na escrita do aluno *PH*?

Como eles se sentiram desafiados, e havia algo de lógico na situação que ora vivenciávamos, manter a atenção entre pronúncia e escrita foi imprescindível a fim de decidir o que fazer. Os alunos observaram que o colega *PH* transpôs para o texto escrito a pronúncia das palavras. Nesse momento, dentre eles, um aluno se destacou ao afirmar: “*O aluno PH escreveu do mesmo jeito que falou!*”. Complementamos o entendimento perguntando ainda se esse tipo de comportamento linguístico, escrever todas as palavras conforme a fala, deveria permanecer e se estava compatível com a norma padrão da língua. A resposta foi unânime, todos disseram que não.

Oportunamente, esclarecemos que é normal ter dúvidas quando escrevemos determinadas palavras, principalmente algumas que são semelhantes com a nossa fala. No entanto, nem sempre o que falamos condiz com o que devemos escrever. E o que fazer diante de situações como essas? Enfatizamos que com a prática diária da leitura e da escrita passaríamos a compreender melhor as palavras e, conseqüentemente, esse hábito de transcrever as palavras da mesma maneira que pronunciamos seria minimizado consideravelmente. Finalizamos nossa coleta de dados agradecendo a todos que participaram das oficinas realizadas e informamos que outros projetos de pesquisa seriam realizados com a mesma turma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu-nos identificar as marcas da oralidade no processo de escrita de alunos do 1ºano e compreendê-las não como erros, mas como parte do processo de desenvolvimento da escrita. Optamos por não denominar de erros os trechos dos textos que estavam em desacordo com a norma padrão da Língua Portuguesa, porque entendemos que, de fato, o aluno não cometeu erros propositais,



mas que transcreveu determinadas palavras da fala para o texto, por desconhecimento da norma padrão da língua.

Nossa intervenção caracterizou-se de uma reescrita coletiva, atividade em que alunos e o bolsista-pesquisador realizaram a reconstrução do texto. Nossa estratégia não foi apontar os erros no texto escolhido para a reescrita, mas despertar nos alunos a capacidade de refletir e manipular a linguagem falada e escrita, que é a consciência metalinguística.

Nosso diálogo foi de conscientizá-los que por meio da leitura e da escrita temos a oportunidade de observar como as palavras são grafadas, os sons que se diferenciam uns dos outros quando pronunciados e, entre outras questões, como ocorre a interação que estabelecemos entre fala e escrita.

Ao analisarmos os textos produzidos pelos alunos ao longo das oficinas, notamos que houve uma diminuição das marcas da oralidade comparando-se a primeira produção textual, realizada em 16/04, às demais realizadas em 07/05, 04/06, 16/07.

Assim, em nossa pesquisa, apontamos a reescrita como um mecanismo de ação que pode minimizar as marcas da oralidade no texto dos alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Apontamos com propriedade a reescrita textual como uma eficiente ferramenta didática, por ter sido o instrumento escolhido por nós para tratar as marcas da oralidade que identificamos. Contudo, é possível que existam outros métodos e estratégias que operem positivamente neste sentido. Assim, cabe aos professores de Língua Portuguesa buscarem por novas experiências e descobrirem que caminho seguir no desenvolvimento exitoso dos alunos, de modo que as marcas da oralidade sejam conscientemente tratadas e, conseqüentemente, atenuadas.

## REFERÊNCIAS

BAHKTIN, Mikail. **Os gêneros do discurso**. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora? – Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais : **Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.



KLEIMAN, Angela Bustus. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, S.P.: Mercado de Letras, Coleção Letramento, Educação e Sociedade, 1995.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, E. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e pesquisa.** São Paulo, 30(2). p 289-300. 2004.

MENEGOLO E.D.C.W. E MENEGOLO, L.W. **O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito-autor.** Ciência & Cognição, v. 04, p.73-78, 2005.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: SEE: CENP, 2004.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redação na escola: uma proposta textual – interativa/** Eliana Donaio Ruiz. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, MB. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista brasileira de Educação; 2006. v.25.